

SOBRE TEMPO, ESPAÇO E A EXPERIÊNCIA DO LAZER: ALGUMAS REFLEXÕES¹

Sandoval Villaverde*

É inegável o desafio de abordar a temática proposta para este escrito, uma vez que o mesmo arrisca-se a discutir aspectos extremamente imbricados e complexos como tempo, espaço e lazer. Consciente de minhas limitações para aprofundar-me neste propósito, busco tão somente levantar alguns pontos para debate, trazendo para a discussão as categorias espaço e tempo no âmbito das elaborações teóricas sobre o lazer. A partir daí, aponta-se alguns aspectos sobre a experiências de lazer vivenciadas em espaços públicos, especialmente os parques urbanos.

Há mais uma questão a ser ressaltada, e esta diz respeito às fontes que inspiram estas reflexões. Além do necessário suporte teórico que dá sustentação às argumentações aqui apresentadas, elas estão referenciadas nos dados de uma recente pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Essa pesquisa toma por base o caso do Parque Ecológico Prof. Hermógenes Freitas Leitão Filho, o "Parque do Lago", localizado no Sub-Distrito de Barão Geraldo, na Cidade de Campinas (SP). Como o referido estudo utilizou-se de observações sistemáticas e ainda entrevistas com freqüentadores daquele Parque, farei referência, em alguns momentos, a alguns trechos dessas entrevistas.

No âmbito das teorias sociais, conforme pode ser observado em Harvey (1998) e Luchiari (1996), as formulações de tempo foram fartamente privilegiadas. Ao partir da concepção iluminista de progresso, argumenta Luchiari (1996), pode-se compreender como a metáfora do tempo tornou-se predominante no seio de uma sociedade que buscava incessantemente a superação desse tempo. Assim, manipulados por uma racionalidade instrumental, espaço e natureza cederam lugar ao tempo enquanto devir de uma nova sociedade.

*Professor do Curso de Educação Física da Unioeste, Marechal Cândido Rondon/Pr

¹VILLAYERDE, Sandoval (1999) *Da natureza do espaço ao espaço da natureza: reflexões sobre a relação corpo-natureza em parques públicos urbanos*. Dissertação de Mestrado: Universidade Estadual de Campinas

Apoiando-se em nomes como Foucault, Soja e o próprio Harvey, Luchiari (1996, p. 196) afirma que a metáfora do tempo sempre esteve associada à modernidade/modernização. Além de fortalecer a submissão da categoria espaço a um objeto de dominação, a idéia de progresso também priorizou o tempo histórico e suas qualidades de vir-a-ser. Subsidiada pelo historicismo, a teoria social *"condicionou a percepção de mundo à temporalidade do devir do progresso. O espaço se restringiria ao cenário onde se desenrolava a história do ser social"*.

Luchiari (1996) aponta a década de setenta como um marco privilegiado no debate que vem a reivindicar um equilíbrio interpretativo entre tempo e espaço. Para a autora, a emergência da questão ambiental, a globalização da economia e a mundialização da cultura, vêm somar-se às vozes que se levantavam em favor da perspectiva espacial para a compreensão da realidade. Segundo a autora, a retomada do espaço como categoria analítica junto à teoria social, ganhou maior notoriedade nas chamadas ciências humanas:

"Esta nova perspectiva, apoiada em um equilíbrio interpretativo entre tempo e espaço na teoria social, ainda não foi totalmente construída. Muitas vozes ecoam neste sentido, mas a primazia do tempo/histórico arraigada em nossa concepção de mundo, os equívocos dos discursos pós-modernos e uma realidade ao mesmo tempo global e fragmentada dificultam a capacidade de apreensão e de construção de uma teoria social histórica e, ao mesmo tempo, geográfica" (p. 197).

De acordo com Harvey (1998, p. 190), as formulações advindas da teoria social, especialmente de tradições vinculadas a Marx, Weber, Adam Smith e Marshall, privilegiam o tempo. Elas em geral apresentam a suposição de alguma ordem espacial preexistente onde operam processos temporais ou, por outro lado,

"Que as barreiras espaciais foram reduzidas a tal ponto que tornaram o espaço um aspecto contingente, em vez de fundamental para a ação humana [...] A teoria social sempre teve como foco os processos de mudança social, de modernização e de revolução. O progresso é seu objeto teórico, e o tempo histórico, sua dimensão primária. Com efeito, o progresso implica a conquista do espaço, a derrubada de todas as barreiras espaciais e a 'aniquilação [última] do espaço através do tempo

Harvey (1998, p. 206), considera importante a maneira pela qual interpretamos tempo e espaço na teoria, à medida que esta

afeta a forma como tendemos a interpretar e depois agir com relação ao mundo³. Ele argumenta sobre a necessidade de se investigar os processos materiais, reprodutores das relações sociais, para que se possa atribuir significados objetivos ao espaço e ao tempo. Assim, conclui o autor que estes "*não podem ser compreendidos independentemente da ação social*", ação essa que é disciplinada pelas coerções da malha repressiva, mas que também tende a gerar *lugares* para movimentos de resistência.

Se é possível, de acordo com tais asserções, afirmar que o conhecimento na teoria social ao longo da história parece ter privilegiado o *tempo* como categoria de análise em detrimento da categoria *espaço*, talvez fosse possível suspeitar ter o mesmo ocorrido em relação às elaborações teóricas sobre o lazer. Como demonstra Gebara (1993), a dimensão *tempo* teve um impacto decisivo no estudo do esporte, do lazer e também da Educação Física ao longo da história.

Discutindo questões sobre o tempo na perspectiva de De Grazia e Thonpsom, Bruhns (1996) argumenta sobre a existência de um sistema variado de concepções de tempo, os quais aparecem de forma mesclada e não em estado puro. Porém, na sociedade urbano-industrial, o que prevalece é o tempo linear: objetivo, quantitativo e universal. Neste sentido o tempo é concebido como uma unidade quantificável que deve ser contada, investida e economizada. Como argumenta a autora, uma vez que o tempo de trabalho passa a ser vendido aos patrões e o "tempo livre" a ser comprado pelo trabalhador, torna-se ele mesmo uma mercadoria, permeada assim pela lógica da utilidade, do tempo cronometrado e da produtividade.

Estas características pareceram expressar-se nas experiências vivenciadas pelos freqüentadores do Parque do Lago. Em alguns, pude verificar uma tensa preocupação com o tempo de realização de suas atividades, assim como a atitude de "consumo" do espaço, expresso no sentimento de *obrigação* em percorrer um determinado percurso correndo ou caminhando (com a necessária contabilização em metros), ou de realizar outras atividades *produtivas*, contanto com a necessária *lucratividade* em termos de aquisição de saúde ou em *ganhos* na manutenção da forma física.

Como ressalta Da Matta (1996, p. 37)), "*tempo e espaço constróem, e ao mesmo tempo, são construídos pela sociedade dos homens*", portanto, "*não há um sistema social onde não exista uma noção de tempo e outra de espaço*"

Percebemos aí uma mesma lógica entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, enquanto dimensões sociais igualmente marcadas pela produtividade e pelo rendimento. É neste sentido que as formulações de Baudrillard (1995, p. 161) ganham pertinência, ao argumentar ser o tempo uma mercadoria cada vez mais preciosa e submetida às leis do valor de troca. Para ser "consumido", o "tempo livre" tende a ser cada vez mais "comprado" seja de forma direta ou não. No sistema vigente, escreve o autor, *"o tempo só pode ser 'libertado' como objeto, como capital cronométrico de anos, de horas, de dias, de semanas a 'investir' por cada qual a seu bel-prazer. Por consequência já não é 'livre', uma vez que se encontra regulado na sua cronometria pela abstração total do sistema de produção"*.

Talvez já possamos "ouvir" um pouco o que nos diz os personagens da pesquisa sobre suas experiências no Parque do Lago. Vejamos primeiramente o que alguns deles comunicam quando se referem à dimensão *tempo*:

"É um tempo meio contado sim. É difícil vir pra cá só pra... Normalmente não dá tempo (risos) vir pra cá pra curtir o parque [...] Fico aqui entre uma hora e uma hora e meia" (Sr. P., 21 anos, estudante universitário).

"...Durante a semana eu venho (com o tempo) contadinho, né? Porque eu tenho trabalho logo em seguida e..." (Sr^a C. R., 40 anos, funcionária pública).

"...Tenho que acordar às seis horas. É que às seis e quinze eu tenho que tá lá e vou correr até às sete e vinte, né? Tenho chegar em casa, tomar banho, trocar a roupa e ir pra loja [...] Esse problema... eu sou muito limitado de tempo. Por exemplo, eu saio daqui às cinco e trinta, pois às seis e trinta eu quero tá em casa porque eu tenho o que fazer, eu tenho que gerenciar... Eu tenho outro serviço fora da universidade, então eu tenho que trabalhar à noite, então eu não posso estar perdendo muito tempo. Então, eu sei que tenho que consumir ali uma ou uma hora e quinze. Então, menos no sábado que eu poderia ir mais relaxado, não é, eu tô preocupado com o horário" (Sr. C. A., 41 anos, funcionário público).

O discurso desses personagens parecem ser bastante representativos de um tipo de postura assumida perante a experiência vivida no Parque. Embora possa não parecer, principalmente se os discursos forem observados isoladamente do seu contexto, eles se referem a um tempo vivido num espaço de lazer, isto é, num tempo

supostamente "livre" ou "livremente" escolhido. Frases do tipo "a gente *perde* um tempo", "*não dá* tempo", "tenho que *consumir* ali uma ou uma hora e quinze", somente corroboram a idéia de um tempo permeado por constrangimentos, como de uma compulsão do *fazer*.

O tempo não *aproveitado* para *fazer* algo visivelmente produtivo, parece ser considerado, para alguns frequentadores do Parque, tempo perdido ou mal *utilizado*. O uso constante da expressão "tenho que...", exprime de certa maneira a transposição da lógica das obrigações e dos deveres do cotidiano ao tempo-espço de lazer, parecendo constituir-se numa indicação a mais de sua natureza híbrida.

Os constrangimentos inerentes às experiências humanas vivenciadas no Parque do Lago, nos remetem aos argumentos de Baudrillard (1995, p. 164), ainda que estes por vezes apresentem-se permeados por um certo exagero. O autor afirma vivermos numa época em que "*os homens jamais conseguirão perder tempo suficiente para conjurar a fatalidade de passarem a vida a ganhá-lo*", visto o mesmo ocupar um lugar de destaque na produção real ou simbólica da sociedade de consumo. Dessa forma, ele faz uma crítica contundente à idéia de um tempo "livre", uma vez que este não escapa aos constrangimentos do tempo produtivo e do cotidiano escravizado.

O caráter de constrangimento, presente em algumas situações relacionadas às atividades desenvolvidas, foram melhor constatadas pela observação sistemática do cotidiano do Parque. A partir desses olhares foi possível perceber, em alguns casos, que as pessoas realizavam suas atividades no Parque após o horário de trabalho, sendo possível notar várias delas ainda vestidas com as mesmas roupas utilizadas nas suas atividades profissionais durante todo o dia, isto é, camisa social, calça *jeans*, sapatos, etc. Bastante comum também foi a presença de pessoas caminhando com a chave de seu carro na mão e com os fones de um *walkman* nos ouvidos.

Ao referir-me a estes "detalhes", obviamente não me dirijo à questão da adequação ou inadequação do vestuário em si ou do uso do *walkman* na prática, por exemplo, da caminhada. Interessa muito mais explorar este conjunto de características, como expressões simbólicas da *porosidade* entre a lógica do tempo de trabalho (assim como de outras obrigações institucionais) e de não-trabalho. Trata-se de

uma imagem rica em significados, especialmente se a imaginarmos simbolizando a extensão da mesma lógica de uma sobre a outra esfera, lógica esta marcada por constrangimentos da produtividade e da otimização do tempo-espço. Talvez o trabalho tenha invadido o espaço-tempo de lazer, provocando uma mesclagem entre os dois, onde o caráter do dever, da obrigação, apresenta-se em evidência.

As atividades físicas realizadas sob o constante uso do *walkman*, também são, ao meu ver, passíveis de reflexões desta ordem. Uma freqüentadora do Parque, habitualmente portando um *walkman* em suas atividades, revelou numa conversa informal, que aproveitava aquele espaço de tempo para, de uma só vez, realizar sua atividade física e ouvir as músicas das quais gostava e não dispunha de outro tempo disponível para fazê-lo. Aquele tempo de permanência no Parque, já *comprimido* e constrangido devido a outras ocupações obrigatórias a serem cumpridas, tinha que ser otimizado em seu potencial de utilização. Aparentemente não era aquele um *tempo* nem um *espaço* para uma atitude perceptiva de "ouvir" as próprias respostas corporais ao ato da caminhada, de ouvir os sons do ambiente, das árvores, dos pássaros.

Observando algumas pessoas desde o momento de sua chegada até sua saída do Parque, percebi muitas vezes um ritmo frenético e apressado, especialmente nas caminhadas, muitas vezes realizadas sob a marcação rigorosa do tempo e do espaço percorrido em metros e com as constantes consultas ao relógio.

As sensações de um tempo "comprimido" e essa luta para "encurtar" o espaço, expressos tanto no discurso como nas próprias atividades de alguns dos entrevistados, remetem-nos às reflexões de Harvey (1998) sobre a experiência contemporânea do espaço e do tempo. Como ressalta o autor, com a passagem do Fordismo para um modelo de acumulação menos marcado pela rigidez, a "acumulação flexível", as duas últimas décadas experimentaram uma fase intensa de "compressão do tempo-espço", impactando fortemente não só nas práticas político-econômicas, mas também sobre a vida social e cultural como um todo. Harvey (1998) argumenta sobre a necessidade do regime de acumulação capitalista em impor regras disciplinares, o "controle do trabalho", para manter o sistema funcionando. No entanto, como

veremos, o autor amplia esse "modo de regulamentação" às demais esferas da vida, isto é, também o tempo de não-trabalho:

"A disciplinação da força de trabalho para os propósitos da acumulação do capital [...] é uma questão complicada. Ela envolve, em primeiro lugar, alguma mistura de repressão, familiarização, cooptação e cooperação, elementos que têm de ser organizados não somente no local de trabalho como na sociedade como um todo. A socialização do trabalhador nas condições de produção capitalista envolve o controle social bem amplo das capacidades físicas e mentais" (p. 119).

A emergência de formas mais flexíveis de acumulação, a ascensão de outras formas no âmbito da cultura e a "compressão do tempo-espço", são pontos centrais dessas "transformações" contemporâneas. Dentre os muitos desenvolvimentos relacionados à esfera do consumo, Harvey (1998) destaca a mobilização da moda em mercados de massa, com a conseqüente aceleração do ritmo de consumo não só de objetos, mas também de uma gama variada de atividades de lazer e estilos de vida, e ainda um deslocamento do consumo de bens para o consumo de serviços. A aceleração do "tempo de giro" na produção teria conduzido necessariamente a uma aceleração no tempo de consumo. Na "ponta do consumo", a acumulação flexível teria sido acompanhada por uma atenção redobrada às modas fugazes, assim como a mobilização de diversos artifícios para forjar e induzir necessidades e as imprescindíveis mudanças que isto implica. Assim, *"a estética relativamente estável do modernismo fordista cedeu lugar a todo o fermento, instabilidade e qualidades fugidias de uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação de formas culturais"* (p. 148).

Retomando as entrevistas realizadas, as falas são reveladoras. O trecho seguinte permite explorar um pouco mais esses elementos, os quais permeiam a experiência espaço-temporal vivenciada no Parque do Lago.

"É, o tempo é curto, né? Por que se tem muita coisa pra fazer [...] porque se a gente for ver, a gente tá vindo aqui, a gente perde um tempo. Se não for pra saúde, pra... alguma melhoria para o organismo da gente, pra o corpo da gente. Além disso, mais nada. É mais mesmo pra caminhar por causa do colesterol, da pressão, pra manter a forma e tomar o sol da manhã que também é bom pra mulher. Por causa da osteoporose, né, ajuda a circulação. Pros ossos também..." (Srª C., 38 anos, dona de casa).

Percebe-se na fala desta freqüentadora, um certo aspecto de obrigação, o sentimento de "encurtamento" do tempo e de *perda* do mesmo. O tempo *gasto* em suas atividades no Parque parece se justificar pela possibilidade de obtenção da saúde. O "tomar o sol da manhã" apresenta uma lógica duplamente instrumental: ocorre "por causa da osteoporose" e ainda "ajuda na circulação". Sigamos com outros exemplos nesta mesma direção:

"Eu não sei...(venho) pela questão da saúde, da forma física que eu tenho que passar a vida fazendo dieta... E além disso, eu acho que não tenho mais problema de coluna, né? Não sinto mais a dor nas costas. Então eu continuo andando. Não foi a caminhada que melhorou? Melhora, sem sombra de dúvidas"(Sr.^a V., 46 anos, psicóloga).

"Ah, eu faço isso mais pra eliminar o cansaço, o estresse, até por recomendação médica no caso, né? Falou assim: "ô, vai lá, corre" Sr. L., 22 anos, estudante).

"Olha, esteticamente nem tanto né, seria mais com a saúde né, que a gente vai ingressando aí nos inta, próximo dos enta (risos). Então diante do que se lê, do que se comenta né, que a atividade física é importante, então uma forma assim de tentar levar isso adiante, de ter, de deixar como um costume mesmo e quem sabe ter uma vida melhor, e eu tenho problema respiratório né, então esse exercício me ajuda muito, me ajuda porque as vias respiratórias ficam mais aliviadas, porque estão sempre fechadas, trancadas, então acho que isso já é alguma coisa"(Sr. R., 34 anos, funcionário público).

"Na verdade, tem mais a ver com forma física e com saúde e mais, com saúde mesmo, nem tanto com forma física. Mas pra tentar manter uma rotina de, pelo menos, todo dia ter algum tipo de atividade. [...] É que, eu não sei. Na verdade, pra mim, até nessa fase assim, tá mais uma coisa de missão cumprida, de andar, de fazer isso [...] Eu só curto mesmo o lugar quando eu paro e leio e tal. Quando eu tô meio concentrada numa atividade física assim, eu acabo não..., não sei, não captando muito isso não. E principalmente que eu venho de walkman também, você vem ouvindo música, você não tem essa ligação, né? Então eu acho que é mais isso, a sensação de tá cumprindo um negócio" (Srt.^a D., 21 anos, estudante).

As falas dos nossos personagens evidenciam o aspecto instrumental das experiências vivenciadas no tempo-espço do Parque. Estas experiências podem ser vinculadas à preocupação com a saúde e à aquisição ou manutenção da forma física.

As vantagens da atividade física como corridas e

caminhadas, constituem-se consenso na Medicina. No entanto, como ressalta Sant'Anna (1994, 80), foi na década de setenta que a produção de imagens, estudos e campanhas de lazer passaram a associar mais intimamente estas atividades aos preceitos de uma vida saudável. Conforme argumenta a autora, *"manter a boa forma através da prática esportiva que, nessa época, ampliava seu leque de opções, tornou-se mania e um ideal a ser perseguido, especialmente durante o tempo livre"*.

De fato, este ideal parece estar presente em muitos dos frequentadores do Parque do Lago, embora apareça de forma mais exacerbada em alguns casos. Embora a discussão mais específica sobre as experiências corporais no Parque não seja objeto deste escrito, cumpre aqui somente referir-se à maneira como elas são vivenciadas no tempo-espço de lazer. Estas experiências, evidenciadas nas sistemáticas observações das pessoas no Parque e mesmo nos seus discursos, são acompanhadas de um considerável grau de ansiedade e preocupação com o tempo, sendo muitas delas realizadas numa percepção de necessidade, movidas por pressões impostas de fora para dentro.

Mais uma vez recorro a Baudrillard (1995, p. 163), buscando apresentar argumentos para a compreensão destas questões. Explica ele sobre a lei do tempo como valor de troca e mesmo como força produtiva, não se imobilizar no limiar do lazer. O tempo vivido como "lazer" não escapa aos constrangimentos reguladores do tempo do trabalho e das demais obrigações institucionais, uma vez que *"as leis do sistema de produção nunca entram de férias [...] o aparente desdobramento em tempo de trabalho e tempo de lazer inaugurando esta esfera transcendente da liberdade constitui um mito"*.

Baudrillard (1995, p. 165) afirma serem idênticas as carências e contradições tanto no tempo de trabalho como de não-trabalho. O autor, sem medo de exagerar, aponta no tempo de lazer o mesmo *"encarniçamento moral e idealista de realização que se descobre na esfera do trabalho"*. Ele argumenta ainda não ser o lazer, como também o consumo, a praxis de satisfação, manifestando-se assim somente na aparência. Argumenta ainda ser a obsessão estética, a mobilidade sobressaltada dos turistas em todo o mundo, *"a ginástica, e a*

nudez indispensável debaixo do sol obrigatório e sobretudo o sorriso e a alegria de viver sem desfalecimento tudo testemunha da consignação total ao princípio do dever, do sacrifício e de ascese".

Como alternativa a este estado de coisas, E. P. Thompson sugere mudanças na forma de vivenciar o tempo, buscando superar as barreiras existentes entre o trabalho e a vida. Dessa forma, o autor propõe não o retorno impossível à época pré-industrial, mas a busca de uma noção de tempo útil menos compulsiva e de relações mais ricas e relaxantes, fundamentada acima de tudo nos interesses humanos (Cf. Bruhns, 1996).

De Grazia, citado por Bruhns (1997), ressalta a escassez, no mundo industrial, da presença do lazer como algo aproximado do ideal clássico de ócio, seja como fato ou ideal. Esta escassez é explicada pela perda do caráter gratuito das experiências, num contexto onde há a necessidade de se explicar tudo pelo julgo da utilidade e da produtividade. O autor é enfático ao afirmar a lógica que permeia a vida contemporânea, a qual raramente permite momentos de interiorização, de quietude contemplativa, elucidando: *"talvez seja possível julgar a saúde de um país pela capacidade de seu povo não fazer nada, tombar-se a murmurar, deambular sem fim algum, sentar-se ou tomar um café. Porque quem quer que possa não fazer nada, deixando seu pensamento voar, tem que estar em paz consigo mesmo"* (p. 31).

As sábias colocações de De Grazia são, ao meu ver, bastante pertinentes ao atual contexto sócio-cultural e à vivência contemporânea do lazer. Com elas concluo estas breves reflexões, ressaltando que, talvez por se tornarem cada vez mais raros os momentos nos quais nos permitimos instantes mais relaxantes, contemplativos e de interiorização, estes são cada vez mais valorizados, demonstrando a capacidade humana de buscar e encontrar estas fugidias possibilidades de resistência e reequilíbrio consigo próprio, com os outros seres humanos e com a natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, Jean (1995) **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos.
- BRUHNS, Heloisa, T. (1996) Lazer, trabalho e tempo: uma discussão a partir de Thompson e de De Grazia. **Coletânea do IV Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte: UFMG/EEF.
- _____ (1997) Sobre o ideal clássico de ócio e lazer contemporâneo. **Coletânea do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Ijuí: UNIJUÍ.
- DA MATTA, Roberto (1996) **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan.
- GEBARA, Ademir (1994) O tempo na construção social do objeto de estudo da história do esporte, do lazer e da educação física. **Coletânea do II Encontro de História do Esporte Lazer e Educação Física**. Ponta Grossa: UEPG/UNICAMP.
- HARVEY, David (1998) **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola.
- LUCHIARI, Maria T. D. P. (1996) A categoria espaço na teoria social. In **Temáticas nº 4 (7)**. (pp. 191-238). Campinas: IFCH/Unicamp.
- SANT'ANNA, Denise B. (1994) **O prazer justificado: história e lazer**. São Paulo: Marco Zero/CNPq.